

AS ALTERNÂNCIAS ENTRE FICÇÃO E MEMÓRIA NO QUASE- QUASE DE CARLOS HEITOR CONY

Fabiana Wentz¹

Resumo:

Este artigo tem por objetivo analisar o romance contemporâneo *Quase memória: quase romance*, de Carlos Heitor Cony, a fim de compreender como o tema memória, com base na família e na identidade dos personagens, se insere na narrativa e a influência desse tema no tempo e no narrador da história. Com base nas pesquisas de autores como Salvatore D'Onofrio, Lygia Leite, Benedito Nunes, Dino Del Pino e Yves Reuter, este estudo promove uma discussão entre os gêneros biografia e romance, observando o contraste entre fato e ficção na obra de Cony, estuda o tempo da narrativa baseado em memórias do personagem principal, percebe o papel do narrador na construção da identidade do personagem, e comenta a idealização do pai herói. A análise permite depreender que a reconstrução da história a partir de traços da memória do narrador-personagem é muito significativa para a interpretação desse romance por parte do leitor.

Palavras-chave: Romance. Memória. Família. Identidade.

THE ALTERNANCES BETWEEN FICTION AND MEMORY IN THE ALMOST-ALMOST OF CARLOS HEITOR CONY

Abstract:

This article aims to analyze the contemporary novel *Quase memória: quase romance*, of Carlos Heitor Cony, in order to understand how memory theme, based on the family and the identity of the characters, is inserted in the

¹ Acadêmica do curso de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Feevale. E-mail: fabiwentz@hotmail.com.

narrative and the influence of this theme in time and in the narrator of the story. Based on researchers as Salvatore D'Onofrio, Lygia Leite, Benedito Nunes, Dino del Pino and Yves Reuter, this study promotes a discussion between the genres biography and novel, observing the contrast between fact and fiction in Cony's work, it studies the narratives time based on the memories of the main character, realizes the role of the narrator in the construction of the character's identity, and comments on the idealization of the father as a hero. The analysis allows to understand that the reconstruction of the story from the traces of the memory of the narrator-character is very significant for the interpretation of this novel by the reader.

Keywords: Romance. Memory. Family. Identity.

1 Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar o romance contemporâneo *Quase memória: quase romance*², de Carlos Heitor Cony³, a fim de compreender como o tema memória, com base na família e na identidade dos personagens, se insere na narrativa e como esse tema influencia no tempo e no narrador da história.

O livro foi lançado em 1995 e retrata a história do próprio autor, Carlos Heitor Cony, que é o narrador e ao mesmo tempo um personagem. A história inicia quando Carlos recebe um envelope na recepção do hotel onde costumava almoçar todos os dias. Sem remetente, o personagem analisa o envelope em si, a letra, a tinta, o cheiro, a maneira de embrulhar, o nó do barbante. A partir dessas pistas, Carlos consegue, sem dúvidas, lembrar-se de seu pai, Ernesto Cony Filho.

Até mesmo o cheiro – pois o envelope tinha um cheiro – era o cheiro dele, de fumo e água de alfazema que gostava de usar, metade por vaidade, metade por acreditar que a alfazema cortava o mau-olhado, do qual tinha hereditário horror (CONY, 2006, p.11).

² Livro lançado em 1995 e merecedor dos prêmios Jabuti de Melhor Romance e de Livro do Ano pela Câmara Brasileira do Livro, em 1996.

³ Cony, além de romancista, é jornalista, autor de livros de crônicas, ensaios biográficos e adaptações de clássicos universais.

No entanto, o que mais ele estranhava era a data em que fora enviado. O pai do personagem faleceu em 1985 e ele recebeu o envelope em 1995. Como poderia receber um envelope de seu pai se ele estava morto há dez anos? Tudo era estranho. O personagem leva, então, esse envelope ao seu escritório onde passa o resto do dia. Ali ele segura-o em suas mãos e começa a relembrar momentos vividos com o seu pai, memórias que guardava dos dois. Momentos inesquecíveis para ele e que agora vinham à tona a partir daquele envelope. Cada detalhe dele remetia a alguma história que eles viveram.

A mesma letra que vinha nos envelopes quando ele me escrevia para a fazenda do Seminário – único período do ano em que a correspondência se justificava, pois aqui no Rio ele sempre tinha uma técnica de estar presente nos mais estranhos lugares e momentos, fosse para me dar recados, presentes ou para saber de mim e eu dele (CONY, 2006, p.13)

A partir da história contada no livro e de acordo com os temas a serem analisados, este artigo está dividido em partes. Na primeira parte, será apresentada uma visão geral sobre o que é uma biografia e o que é um romance e como ambos se encaixam na história. A segunda parte mostra que há um contraste entre o fato e a ficção e analisa como o autor oscila entre a verdade e o mundo da fantasia. Na terceira parte será feita a análise do tempo da narrativa com base nas memórias do personagem principal. Depois, na quarta parte, será debatido o papel do narrador na construção da identidade. Já a quinta parte mostrará como a idealização do pai herói se destaca no ambiente familiar. E, por último, com base nos temas discutidos ao longo do trabalho, será apresentada uma reflexão sobre a obra.

2 Memória e Romance: um quase-quase

O livro *Quase-memória: Quase romance*, como já diz o título, é considerado pelo próprio autor tanto um romance como uma biografia. E, para que seja apenas um ou outro, faltariam algumas coisas. Como a obra traz características dos dois gêneros, ela é considerada um quase-quase. Antes de dar início à narração, o próprio autor explica:

Daí a repugnância em considerar este *Quase memória* como romance. Falta-lhe, entre outras coisas, a linguagem. Ela oscila, desgovernada, entre a crônica, a reportagem e, até mesmo, a ficção (CONY, 2006, p. 7).

A autobiografia é considerada uma narração em que o autor narra a sua própria história. As obras autobiográficas podem ser apresentadas de formas diferentes, como por exemplo, através de confissões, memórias, diário íntimo e epistolografia, além da autobiografia propriamente dita (D'ONÓFRIO, 2007).

Em *Quase memória – Quase romance*, o autor conta a história a partir das suas memórias, o que privilegia a relação dele com as pessoas da sua época e apresenta um quadro da vida social num tempo e espaço determinados. Ele também relata histórias que lhe eram contadas e essas são contadas a partir do seu ponto de vista, da sua memória sobre aquele fato.

O pai gostava de contar suas façanhas de moleque do Caju. A proeza principal era pular o muro caído para apanhar balões nos meses de junho, ou roubar as mangas do cemitério – segundo ele, as melhores do mundo. Manga de cemitério – garantia ele – era superior às mangas da Índia, e ele dizia isso com honesta convicção, embora, ao que me conste, nunca tenha provado manga de nenhum outro lugar que não as da Zona Norte da cidade. (CONY, 2006, p. 29-30).

Quando falamos em romance, logo idealizamos uma história romântica, de amor e aventuras entre um casal de namorados. Porém, o romance se divide em várias vertentes. Assim, a história que o livro de Cony traz pode ser sim considerada um romance, não romântico, mas um romance de ficção que retrata quadros da vida cotidiana do autor. Como a obra traz as melhores lembranças da infância dele, ela se vale de uma linguagem muito poética, o narrador-personagem fala de seu pai como se ele fosse um super herói, uma pessoa fascinante, existindo uma idealização deste pai. Ele coloca poesia em cada lembrança que conta.

Salvatore D'Onófrío, em seu texto *Formas da narrativa*, explica:

Uma autobiografia, portanto, só pertence à literatura, num sentido estrito, quando o autor consegue o extravasamento do seu eu, fazendo uso da linguagem poética, revestindo os fatos de sua vida com ideias, sentimentos, emoções (D'ONOFRIO, 2007, p. 104).

Partindo desses princípios, ousou a dizer que a obra *Quase memória – Quase romance* é um romance autobiográfico, pois possui características tanto de um romance como de uma biografia, que não podem ser analisadas individualmente. A história abrange os dois temas juntos.

3 A ficcionalização da biografia

Considerando que a ficção é um elemento importante nas obras literárias, podemos entendê-la como o lado fantasioso da história, no qual há o uso do irreal e da imaginação. Dino Del Pino explica:

É o que se sucede na ficção, onde a estória, em princípio, é fictícia e tem esse sentido de evasão, proporcionando-nos algo novo, algo diferente daquilo a que estamos acostumados a presenciar diuturnamente (PINO, 1970, p. 67).

No livro analisado nos deparamos com dois mundos: o real e o da fantasia. Ao ler a obra, percebemos que muitas das histórias que vão sendo narradas pelo narrador podem ser reais, mas existem outras que são incapazes de nos convencer de sua realidade. Algumas ficamos até em dúvida quanto a sua veracidade. Cony, antes de iniciar a narração, diz:

[...] os personagens reais e irrealis se misturam, improvavelmente, e, para piorar, alguns deles com os próprios nomes do registro civil. Uns e outros são fictícios. Repetindo o anti-herói da história, não existem coincidências, logo, as semelhanças, por serem coincidências, também não existem (CONY, 2006, p.7).

A história é estabelecida pelo envelope que o personagem Carlos Heitor Cony recebe em uma recepção de um hotel. O fato de o autor recebê-lo dez anos após a morte de seu pai e imaginar que ele seja o remetente é uma ficção, uma invenção, talvez um pretexto que o autor encontrou para dar início à narração. Um pretexto para escrever sobre aquela pessoa que tanto admirou.

Já o fato de Carlos ter frequentado o Seminário quando criança não é ficcional, mas pode ser considerado real porque surgem outras histórias a partir dessa e por ser algo marcante, impossível de apagar-se da memória tão facilmente. “Como a vida costuma dar voltas, tempos depois, já no quinto ano

do Seminário, o mesmo padre Cipriano pediu-me para apanhar a bola de vôlei que ele havia comprado para um novo torneio que promovia” (CONY, 2006, p. 23). As histórias que surgem a partir da vida que Carlos tinha no Seminário podem ser fictícias.

Como vimos anteriormente, o romance se trata também de uma biografia que neste caso é composta por memórias. Memórias não deixam de serem lembranças e lembranças são subjetivas, instáveis e fragmentadas. Portanto, ao escrever o livro o autor poderia ter mais de uma versão para cada história que lembrava ou até vagas lembranças, que preencheu com a sua imaginação. Talvez, para atrair os leitores ele aperfeiçoou suas memórias com histórias fictícias.

Dessa forma, o leitor não consegue identificar claramente quais são os fatos verídicos ou não. Será que Ernesto Cony Filho realmente foi ao velório do cardeal Leme para apenas ver o filho e levar-lhe uma comida de botequim?

Levou-me ao corredor que dava para os jardins do palácio. Eu estava morto de vergonha, não de fome. Mas quando vi o prato que ele me trazia, não resisti. Ele sabia que eu adorava ovo frito com arroz, bife, batatas fritas, pois ali estavam, dois ovos fritos feitos naquelas frigideiras de botequim, o bife no ponto, o arroz que até podia ser dispensado. Trouxera também dois pãezinhos que mandara esquentar (CONY, 2006, p. 33).

O embrulho que Carlos encontrou na sala de imprensa da Prefeitura enquanto substituía o pai, realmente existiu ou foi utilizado como estratégia para instigar o leitor a continuar a leitura?

Pareciam feitos em série, os seus embrulhos. Por isso, eu poderia confundir-lo com o pacote da Sala de Imprensa da Prefeitura: tudo era igual, o papel, o tamanho, a consistência. Só que não havia destinatário para o outro embrulho (CONY, 2006, p. 115).

Fatos como os descritos acima deixam dúvidas na mente do leitor que vai tentar compreender essas alternâncias na história.

4 O tempo da narrativa a partir das memórias de Carlos Heitor Cony

Ao ler o livro, o leitor percebe que a história é narrada com base nas memórias do próprio autor Carlos Heitor Cony. Memórias das aventuras vividas com o pai na infância e guardadas por ele com muito carinho.

A narração tem início com o recebimento do envelope por Carlos. Nesse momento, os fatos começam a respeitar um tempo cronológico que faz parte de um plano da enunciação. Esse plano da enunciação corresponde ao tempo da narração da história, isto é, o tempo em que Carlos Heitor Cony está no restaurante, permanece no seu escritório e sai para as ruas da cidade corresponde ao tempo da narração da história. Vale lembrar que durante a narração da história, enquanto conta suas memórias, o autor volta ao plano da enunciação várias vezes e, depois, retoma novamente as lembranças.

Daí não ter dúvida, desde o primeiro instante, de que o embrulho em cima da minha mesa viera dele. Com a permanência das coisas que ele sabia fazer (balões, embrulhos, nós), eu teria de sentir que aquele embrulho fora feito por ele, nele deixara a marca de suas técnicas e cheiros. Eu podia ouvir sua respiração, que ficava mais forte quando se concentrava para dar nó, para que tudo saísse perfeito, para que tudo testemunhasse a eficiência de sua técnica. Pareciam feitos em série, os seus embrulhos. Por isso, eu poderia confundi-lo com o pacote da Sala de Imprensa da Prefeitura: tudo era igual, o papel, o tamanho, a consistência. Só que não havia um destinatário para o outro embrulho (CONY, 2006, p.115).

O tempo cronológico destacado neste primeiro plano corresponde, segundo Benedito Nunes, “[...] a ordem das datas a partir de acontecimentos qualificados, que servem de eixo referencial, anterior ou posteriormente ao qual outros acontecimentos se situam” (NUNES, 1995, p. 20). Assim, logo no primeiro capítulo, o autor situa o leitor quanto à data em que se passa a história geral, que compõe o plano da enunciação, “O dia: 28 de novembro de 1995. A hora: aproximadamente vinte, talvez quinze para a uma da tarde. O local: a recepção do Hotel Novo Mundo, aqui ao lado, no Flamengo” (CONY, 2006, p. 9). Ao final, é possível perceber que o tempo que durou a narração da história, ou seja, o tempo em que Carlos fica relembando os fatos ocorridos foi de uma tarde e uma parte da noite.

Estou sem fome, apenas cansado. Paro o carro diante de um bar aberto na orla, a essa hora devem servir pizzas ou sanduíches. O calçadão de Copacabana, decadente e vazio, só tem agora alguns travestis que caçam fregueses. Apesar de a noite estar bonita, nem quente nem fria, sinto sordidez na pizza, no calçadão, afinal, eu passara as últimas horas numa viagem pela memória e tudo aqui fora ficou absurdo, irreal. Ou real demais (CONY, 2006, p. 235).

Em um segundo momento, temos o plano do enunciado que se trata da narração de todas as histórias lembradas através das memórias de Carlos Heitor Cony. Nele, o tempo passa a respeitar uma anacronia por retrospectão⁴ na qual o narrador, Carlos, narra histórias que já aconteceram anteriormente, constituindo um flashback.

Houve o ano em que, quando acordei na manhã seguinte, pendurado em cima da minha cama, cheirando maravilhosamente a papel de seda e a cola de farinha de trigo, impecável, sem uma dobra, sem um amassado, havia um pequenino balão de meia folha, seis gomos, roxo e branco – cores que sempre sobravam mas que nunca eram bastantes para o tamanho da nossa festa (CONY, 2006, p.113).

Por serem memórias, não podemos deixar de falar sobre o tempo psicológico, que se passa na mente do personagem que relembra os fatos, é a duração dos acontecimentos no espírito dele. Segundo Nunes (1995, p.19), “[...] o psicológico se compõe de momentos imprecisos, que se aproximam ou tendem a fundir-se, o passado indistinto do presente, abrangendo ao sabor de sentimentos e lembranças [...]”.

No caso da obra estudada, o tempo psicológico corresponde ao tempo que o personagem Carlos passa lembrando os fatos que lhe ocorreram, é o tempo em que ele busca em sua própria memória os melhores fatos a serem contados.

5 O papel do narrador na construção da identidade

A história contada no livro possui uma forte ligação entre pai e filho. Um filho que sempre admirou o pai e, talvez, esse tenha sido o maior motivo para escrever um livro sobre as aventuras que passaram juntos.

Carlos Heitor Cony não é apenas o autor desta bela história. Ele é também um personagem e o narrador da história. Dessa forma, temos um narrador-protagonista que é o sujeito tanto do plano da enunciação quanto do plano do enunciado, mencionados anteriormente. Carlos conta em primeira pessoa uma história que viveu no ano de 1995, e dentro dela, conta também as

⁴ Chamada também de analepse ou anáfora, ou ainda, de flashback, consiste em narrar ou em evocar, mais tarde, um acontecimento anterior (REUTER, 1996).

memórias que tem a partir do envelope recebido. Memórias essas que relembram histórias ocorridas entre as décadas de 40 e 50, no Rio de Janeiro. É a partir da visão do narrador que o leitor consegue compreender os elementos que constituem a narrativa.

De acordo com Leite, “O narrador, personagem central, não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos” (LEITE, 1989, p. 43).

Tudo que o narrador narra é a partir do seu ponto de vista. Assim, fica claro para o leitor a maneira que Carlos pensa e age. Ele não conta apenas os momentos bons da vida do pai, mas também mostra que houve fracassos. “Fracassado na venda dos rádios, o pai adquirira conhecimentos nas lojas concorrentes que não o quiseram como vendedor mas que lhe reconheciam as habilidades, as técnicas na instalação de antenas” (CONY, 2006, p. 79); “O dia do pai chegaria. Mas, antes desse dia, chegou o de outros. Um deles o advertiu. Mas não o preparou para o próprio fim” (CONY, 2006, p. 217).

O narrador-personagem criou sua própria identidade a partir dos ensinamentos deixados pelo pai. Para ele, o pai serviu de espelhamento para que ele seguisse sua própria vida. A relação entre os dois era muito forte e positiva, mas claro, havia sentimentos contraditórios entre eles. Porém, dividiam as alegrias e tristezas, o afeto e, principalmente, a cumplicidade.

Se ele viveu e morreu cheio de truques, de certa forma legou-me alguns deles. Foi sua herança, a melhor porque, entre outras coisas, única. Um desses truques foi me autodefender de memórias devastadoras. No caso dele, não apenas se defendia mas transformava a memória em aliada, fazia dela não apenas a sua testemunha mas a sua cúmplice (CONY, 2006, p. 228).

Como Carlos é também o narrador, fica fácil entendermos seus sentimentos para com o pai. Tudo que ele fala, é muito bonito e poético. Trata do pai como uma pessoa ilustre. Até a mesma profissão do pai ele segue, a de jornalista. Admira-o como pessoa, como um exemplo a seguir, de um homem com bom-humor, vivacidade e que sempre, mesmo em momentos difíceis, foi capaz de “dar a volta por cima”.

6 Família: a idealização do pai herói

A família é a base de tudo. É a partir dela que aprendemos os valores que temos a seguir na vida. Carlos Heitor Cony, a partir da história que narra, deixa claro que é um grande admirador da família e, em especial, do próprio pai.

Há uma grande idealização desse pai durante toda a história. O autor inúmeras vezes refere-se a ele como “O pai”: “O pai comprou muitas outras coisas para completar o enxoval com as miudezas que um aluno interno necessitaria” (CONY, 2006, p. 22); “O pai surgiu entre dois túmulos com um pacote de caramelos, eu era louco por eles, vinham embrulhados em papel-celofane azul, o gosto era mistura de chocolate com amêndoa” (CONY, 2006, p. 31-32); “O pai entendeu como quis” (CONY, 2006, p. 41). Essa forma de chamá-lo nos remete à ideia de que Cony buscou mostrar que seu pai não era apenas o seu pai, mas sim um exemplo de pai para qualquer homem.

As histórias contadas no livro são baseadas em fatos que ocorreram no ambiente familiar, envolvendo sua base. “Lá em casa, nunca se falava no problema. Todos aceitavam o tique do pai e conviviam com isso, era como se ele não o tivesse” (CONY, 2006, p. 50) As dificuldades que o autor enfrentou na infância e a luta de seu pai por melhorias na estrutura familiar também foram destacadas.

Passando a viver apenas com um salário, quando se habituara a dois, seu padrão de vida teria de mudar. Em Niterói, não chegamos a sentir grande alteração, mesmo porque o pai achava que logo arranjaría outro emprego. Tentar a imprensa seria impossível, ele trazia o estigma de ter pertencido a um jornal que defendera o governo deposto. Depois de algumas tentativas, fixou-se numa ideia: a lei facultava os professores acumular dois empregos, na própria rede oficial. E ele, para todos os efeitos, era professor concursado (CONY, 2006, p. 74).

Porém, o autor fala muito mais do pai, do que dos outros membros da família. A mãe não é muito lembrada, nem o irmão. “Meu irmão estava noivo daquela que seria a sua primeira mulher” (CONY, 2006, p. 55); “Peguei o carro, fui procurar o meu irmão no hospital onde trabalhava. Ele estava na sala de cirurgia” (CONY, 2006, p. 198); “Percebi que meu irmão desconversava” (CONY, 2006, p. 199); “Minha mãe não via com olhos favoráveis aquilo tudo,

embora apreciasse o empenho do pai em nos dar tudo o que pudesse de melhor” (CONY, 2006, p. 82); “Minha mãe recebeu no mesmo dia uma carta, gorda, cheia de novidades” (CONY, 2006, p. 177).

A partir dessas citações, percebemos que o autor fala sutilmente da mãe e do irmão. As passagens se aprofundam sempre nas histórias em que o pai se destaca. Os demais membros não deixam de aparecer, mas não são lembrados o tempo todo, em cada momento narrado.

7 Considerações Finais

De acordo com a análise realizada, o livro *Quase memória- Quase romance* é baseado em memórias. Memórias que foram de extrema importância para a interpretação do texto e para o estudo do tempo e narrador da história.

A família, a identidade e a memória são traços marcantes nessa história. A valorização de um pai como pessoa e como um exemplo a ser seguido é um item relevante em todos os momentos do romance. A família como base para a construção da sua própria identidade foi destacada pelo autor.

Este romance contemporâneo é uma espécie de lição. Lição porque traz histórias de um homem que, apesar das dificuldades que enfrentou, levou tudo com bom-humor e vivacidade. É por isso que as histórias contadas eram divertidas e fascinantes. Com certeza, Cony selecionou as mais marcantes para serem expostas em seu livro.

Aquele envelope que desencadeia todas as histórias contadas incentiva o leitor a continuar a leitura. A curiosidade prende-o ao livro em busca de desvendar o tal mistério vindo com ele. É interessante o jogo de vai e vem que o escritor utiliza ao longo do texto, entra em seu interior para contar-nos suas memórias e volta sempre ao mundo exterior, junto ao envelope.

Começa a amanhecer, vejo a primeira fatia de luz cortar a linha do horizonte, lá longe, no mais longe do mar. A sensação agora é que estou sozinho, sobrevivendo de um mundo que acabou. Só não sei, ainda, se eu também acabei. Talvez o embrulho do pai tenha vindo apenas para me dar lucidez, a consciência da lucidez que substitui a fome que eu devia sofrer,

o sono que eu devia sentir, a memória que eu devia esquecer (CONY, 2006, p. 238).

Para quem está em busca de emoção e poesia, este é um maravilhoso livro a ser lido. É uma viagem para um mundo diferente, o mundo interior do personagem principal, que nos deixa também reflexões acerca da nossa própria vida.

8 Referências Bibliográficas

CONY, Carlos Heitor. *Quase memória – Quase Romance*. 27ª edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Forma e sentido do texto literário*. São Paulo: Ática, 2007.

LEITE, Lygia Chiapini de Moraes. A tipologia de Norman Friedman. In: _____. *O foco narrativo*. 4ª edição. São Paulo: Ática, 1989. (Princípios, 4)

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1995.

PINO, Dino Del. O gênero narrativo. In: _____. *Introdução ao estudo da literatura*. Porto Alegre: Movimento, 1970.

REUTER, Yves. A narração (2): O tempo. In: _____. *Introdução à análise da narrativa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.